

A LINGUAGEM DO CORAÇÃO

Três professoras contam em livro como o ensino-aprendizagem da língua portuguesa pode se tornar experiência gratificante

Tem livros que a gente lê com o coração na mão, com medo dos sobressaltos e com receio das revelações que ele possa nos fazer. **A Língua Portuguesa no coração de uma nova escola**¹ provoca uma mistura de desconfortos e gozos como toda proposta de olhar a vida de frente. E a vida é assim: ora dói, ora sacia.

Três professoras com experiência de muitos anos de sala de aula, baseadas em suas vivências e montadas nas teorias pedagógicas, conversam sobre esta entrega inquieta ao sonho de mudar o “mundo, vasto mundo...”

O livro vale pela coragem das três em contar acertos e erros, fé e descrença nos processos educativos que elas testaram. Saíram do discurso de que “o ensino é uma troca” e mostraram o que deram de si e o que aprenderam de seus alunos. Viraram-se ao avesso revelando-se humanas e atraíram os alunos da gruta de sombras para o mundo da expressão direta pelo desenho, pela palavra mal bendita até a escrita em poesia encolhida ou em prosa esparramada.

Como elas fizeram isso? Descendo do pedestal de mestre sabe-tudo e publicando orações completas de alunos sobretudo sujeitos desabrochando. Surpreenderam-se quando os poetas deixaram a escola pelo concreto mundo das profissões.

Nem sempre os poetas oferecem a palavra escrita. E nem sempre mostram sua sensibilidade em livros. Um dos poetas revelados virou açougueiro. A vida é de carne e osso...

A empiria vem de um PIC — Programa Intensivo de Comunicação em Língua Portuguesa, instalado no Rio de Janeiro, no Centro Interescolar Municipal Anísio Teixeira — CIMAT. O projeto durou de 1977 a 1987. Das sementes, porém, o tempo de latência não significa morte. Agora ela brota neste livro verde, para ecoar nos cantos onde haja o desejo e a vontade de transformação. Vai contar e fazer história. Vai despertar desejos adormecidos... A empiria, ainda, vem de mais de vinte anos de ensino-aprendizagem nas favelas, em Salvador, onde esteve por muito tempo Pensilvânia, e no Rio de Janeiro, onde se reuniram Regina Lúcia e Nilma. Regina Lúcia, com a bagagem trazida da escola primária e a energia de quem precisa mudar, aplicou esta metodologia no CIEP em que trabalhou.

O AUTOR

Gutemberg Guerra

Engenheiro agrônomo pela UFBA. Atualmente cursa o Doutorado na Universidade de Paris.

1. MIRANDA, Regina L.F. de, SANTOS, Pensilvânia D.G. e LACERDA, Nilma G. **A língua portuguesa no coração de uma nova escola**. São Paulo: Ática, 1995. 172 p.

A teoria veio da experiência de Nilma e das reuniões para analisar as vivências das três. Prática e teoria fundiram-se e amalgamaram-se num conjunto sólido. Não sabem ainda que nome dar a essa pesquisa participada onde sujeito e objeto se confundiram nos fatos.

SERES CAPAZES

Partiram dos fatos gramaticais usados nos esforços de os alunos se expressarem. Da inconsciência de serem capazes, os meninos e meninas desenharam, fizeram poesia, engatinharam no ritmo, balbuciarão nas incertezas dos recortes e colagens e tomaram consciência da palavra que eram capazes de dominar “na sua mais completa tradução”.

De seres censurados pelo mundo das palavras arrumadas segundo regras e conceitos adentraram nele como uma escola de samba numa avenida, com samba enredo, alas, mestres-salas, comissão de frente e muita alegria. Mais do que isso, entraram para ganhar esse mundo hermético de palavras e estruturas fechadas e excludentes. Saíram para voltar ao mundo dos mortais com um trunfo, o qual ninguém até agora sabe o que pode ser. Pode-se imaginar do que poetas são capazes, se armados do concreto da palavra...

O livro vem com 13 capítulos, que poderiam ser agrupados em cinco partes. Na primeira o programa é apresentado no seu contexto de três dimensões: a sala de aula, a descoberta mútua entre o professor e o aluno e a descoberta dos alunos entre si.

A segunda parte abrange os capítulos 2, 3 e 4. Neles a palavra é trabalhada como “pedra de fundação” e sua função na estruturação da linguagem de expressar o mundo.

Na terceira grande parte outros recursos pedagógicos são trabalhados nos capítulos 5 (Mural: uma visão plástica do real), 6 (O desenho, canal que vaza e devassa o homem), 7 (Poesia, o ano da colheita — o livro) e 8 (De como os alunos do município produzem um filme).

Partindo do princípio de que a palavra escrita é apenas uma das formas de expressão, as três professoras energizaram seus alunos para se reconhecerem primeiro capazes de se expressar, seja por qualquer canal e, depois, inclusive pela palavra.

Trabalharam analiticamente o grau de elaboração a que os alunos chegaram e avaliam os seus progressos e limites. É a isso que se reportam nos capítulos 9 e 10 aos quais poderíamos identificar como a quarta seção.

E por fim, no quinto e último bloco, formado pelos três últimos capítulos, tornam a olhar para o programa e experiência que viveram nestes dez anos, de forma crítica e madura. A conclusão, inconclusa com uma interrogação, deixa a tensão positiva que deve ser partilhada com aqueles que lerem o livro e avaliarem a experiência.

Uma viagem ao coração de uma escola pelos caminhos da linguagem é o que pode ser lido e usufruído neste livro feito para os que pensam e fazem a educação libertadora neste país. As autoras pretendem continuar o diálogo e agradecem, desde já, o retorno de opiniões e críticas que podem ser enviadas para o seguinte endereço:

Pensilvânia Santos, Regina Miranda
e Nilma Lacerda
Caixa Postal 2505 Agência ABI
Praça da Sé
CEP 40 022-970
Salvador-Bahia-Brasil